

“FALSTAFF” ON “THE DEAN MARTIN SHOW” / 1968

uma participação especial de Orson Welles
numa emissão televisiva do **The Dean Martin Show**

Com: Orson Welles no seu próprio papel *Excerto da emissão “The Dean Martin Show”* de 26 de Setembro de 1968 na NBC *Produção do programa: Greg Garrison / NBC (Estados Unidos, 1968) Cópia: DCP (a partir e com qualidade de ficheiro digital de baixa definição), cor, versão original legendada em português, 7 minutos Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA

O excerto é apresentado em DCP, com uma deficiente qualidade digital de baixa definição. Fica o reparo, adiantando que é o material disponível para projecção.

“Falstaff on “The Dean Martin Show” é apresentado com *Campanadas a Media Noche / Chimes at Midnight / As Badalas da Meia-Noite* (Orson Welles, 1966) – “folha” distribuída em separado).

And his name was Orson Welles. Tantos filmes, tanta história, tanta lenda, tanta produção, uma filmografia tão original, de tão difícil categorização-arrumação-definição. É nela que cabem títulos completos, incompletos, na realização, escrita, produção, interpretação e não apenas; de metragem variada, fragmentos; variações televisivas em formato de série, pilotos de séries que não chegaram a existir, ou intromissões como estas participações especiais em programas televisivos. No caso, histórico. O “The Dean Martin Show”, cujas emissões de variedades e comédia foram filmadas em vídeo, a cores num estúdio da NBC em Burbank, Califórnia, foi um programa-estrela da estação americana entre 1965 e 1974, protagonizada por Dean Martin, após a experiência equiparável de “Ford Startime” (1959-60). O cool Dean Martin recebeu e apresentou a esmagadora maioria das emissões ao longo de nove temporadas de mais de duzentos e cinquenta episódios embalados no tema-âncora *Everybody loves somebody*.

Foi numa delas, em Setembro de 1968, mês da estreia de *Uma História Imortal* no festival de Nova Iorque, que Orson Welles apareceu para um *sketch* shakesperiano em horário nobre. Por essa altura era convidado frequente de Dean Martin para números de leitura e magia. Dessa vez, as palmas do público em estúdio rimam com a “introdução” do Sr. Welles, que sem perder tempo enverga peças de vestuário de cena (ajudado por uma assistente anónima), esclarecendo, “Bem, vou-me caracterizar para entrar na personagem [...]” Trajado como Sir John Falstaff à frente do mesmo fundo azul, “minhas senhoras e meus senhores”, Welles desloca-se um pouco para a direita, seguido pela câmara, e senta-se numa mesa-camarim-adereço, que em vez de espelho tem o vazio que permite ao actor dirigir-se aos espectadores num olhar directo à câmara. Na música ouve-se uma balada tradicional inglesa. Welles inicia a metamorfose. Do acto participam a maquilhagem, um nariz falso, uma peruca, palavras, sentido de humor. E, uma vez caracterizado, levanta-se para a interpretação ao vivo de um elogio ao vinho de Xerez vindo de um excerto de *King Henry IV, parte II* de Shakespeare (Acto IV, cena III).

Falstaff, a muito popular criação de Shakespeare (personagem central da segunda parte de *Henrique IV* que substitui, no título, o nome do rei em várias peças e encenações sucedâneas) deu relevo à personagem cômica projectando-a além do seu universo literário na ópera ou no cinema. O *Falstaff* de

Verdi, o *Badaladas da Meia-noite* de Welles, realizado na esteira de uma encenação de Shakespeare na Broadway em 1939 (*Five Kings*), retomada em 1960 em Belfast e Dublin (*Chimes at Midnight*). Recorda Manuel Cintra Ferreira, na “folha” da terceira adaptação shakesperiana de Welles ao cinema, que se a produção de 1965, rodada em Espanha, é o filme mais pessoal de Welles, Falstaff foi “uma personagem muito amada pelo actor-realizador, que nele via uma espécie de duplo, com as mesmas paixões, prazeres e apetites. Falstaff, disse Welles uma vez, ‘é como uma árvore de Natal ornamentada de vícios’. *He is the character in which I most believe, the most entirely good man of all dramatic literature*, também segundo definição do realizador. Mais do que Kane ou Arkadin, Welles é Falstaff.”

Numa análise referenciada deste material (“I Know thee not, old man”: Falstaff on Television”, *Literature/Film Quarterly*), Hugh Davis explora “a personagem vital e imortal de Sir John Falstaff na cultura Ocidental, evocando as adaptações cinematográficas de Welles e Gus Van Sant (*My Private Idaho*, 1991) e relevando como “o velho cavaleiro tem sido recriado e reinventado em múltiplas vidas televisivas”. A estes sete preciosos minutos designa “momento meta-teatral (que evoca a abertura do musical seu contemporâneo, *Man of La Mancha*) [...]” em que Welles discorre sobre este homem divertido, gordo, notável, identificando-o à “Old Merrie England... when even villainy was innocent”, mas também como “um dos rapazes” e um rapaz associado “à contra-cultura contemporânea de finais dos anos 1960 [...]”. Nos anos 1920 do século XXI, a prestação mantém a vitalidade com a aura *vintage* da improbabilidade actual de um grande actor interpretar um pedaço de um grande clássico da literatura para deleite das massas.

Maria João Madeira